

REDE GAZETA REALIZA 3ª EDIÇÃO DO PROJETO



Sustenta bilidade

TROFÉU BIGUÁ 2014

A Regional Sul da Rede Gazeta chega a 3ª edição do Prêmio Gestão das Águas – Troféu Biguá. O projeto visa mostrar à sociedade as práticas realizadas a fim de preservar nossos rios e matas. Para este ano foram englobados os rios Itabapoana e Benevente, e mais uma vez abordou o Itapemirim. Além de fazer um diagnóstico dos rios, a Regional vai premiar práticas em prol do meio ambiente.

Rio Itapemirim

O rio Itapemirim foi o primeiro a fazer parte do Projeto Sustentabilidade – Prêmio Gestão das Águas. Nasce no Parque Nacional do Caparaó – divisa de Minas Gerais e Espírito Santo - e corta os municípios de Alegre, Atílio Vivácqua, Conceição do Castelo, Castelo, Ibatiba, Ibitirama, Irupi, Jerônimo Monteiro, Muniz Freire, Muqui, Vargem Alta, Venda Nova do Imigrante, Itapemirim, Cachoeiro do Itapemirim, Marataízes e Iúna. Nos últimos anos teve uma melhora significativa, com a diminuição da poluição. Fator que ocasionou o aumento no número de peixes.



Rio Itabapoana

O Itabapoana também nasce no Parque do Caparaó, mas diferente do Itapemirim, suas águas fazem divisa com os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. No lado capixaba corta as cidades de Divino de São Lourenço, Ibitirama, Guaçuí, Bom Jesus do Norte, Mimoso do Sul, São José do Calçado, Presidente Kennedy, Dorcas do Rio Preto e Apiacá. Seu curso é propício para a construção de hidrelétricas, ao todo são seis ao longo de sua extensão. E uma delas tem trazido grandes problemas para os pescadores do rio.



Rio Benevente

O rio Benevente é o menos extenso dos três que compõem a Bacia do Sul do Estado. Com apenas 79 km de extensão, passa principalmente pelas cidades de Alfredo Chaves e Anchieta e parte de Guarapari, Iconha e Piúma. Seus maiores problemas são o assoreamento e o lançamento direto de esgoto em suas águas. No entanto, ainda é considerado um dos rios mais preservados da região.



Biguá e Biguazinho

Além de mostrar as práticas preservacionistas realizadas tanto por empresas como por pessoas comuns, há o reconhecimento das melhores atividades. Os vencedores levam para casa o Troféu Biguá e para contemplar a categoria escola, foi desenvolvido o troféu Biguazinho, com o intuito de fomentar a ideia de preservação nas crianças.



Comitês

Tanto os rios Itapemirim e Benevente têm comitês formados pela sociedade civil organizada, órgãos públicos e privados, que se reúnem regularmente para discutirem novas maneiras de preservar os rios. O Itabapoana tem um comitê no lado fluminense, mas na parte capixaba ele não existe. A bacia do Itabapoana foi inserida no comitê da bacia do Rio Paraíba do Norte. No entanto, há uma tentativa de reorganizar o comitê no lado capixaba.

Práticas Simples

Um dos vencedores da última edição do prêmio foi o Lar de Idosos-Nina Arueira. O projeto elaborado por eles mostra que não é necessário muito dinheiro para que uma prática funcione bem. Eles apresentaram a construção de um sistema próprio de captação de água da chuva. A água captada é utilizada em diversas atividades dentro da instituição.



Colaboradores

O projeto não seria o que é, se não fosse pelo apoio de diversas pessoas e empresas que também visam o cuidado com o meio ambiente e sabem a importância da palavra preservação. Parte desse grupo é quem julga e escolhe os melhores projetos. Entre eles estão: Almir Bressan – Assessor Técnico do Incaper; Dalva Ringuier – Ambientalista; João Batista Pavessi – Engenheiro Agrônomo; Guilherme Gomes de Souza – Agente Ambiental Federal do Ibama de Cachoeiro, entre outros.

Rio Benevente

A mais de 1300 metros de altitude nasce o Rio Benevente. O pequeno fio de água, que surge no município de Alfredo Chaves, Região Serrana do Estado, tem grande importância econômica e social para todos os beneficiados com as suas águas. Da agricultura à pesca. No entanto, os problemas causados pela ação do homem ao longo de seu curso têm ocasionado reflexos negativos para quem vive do Benevente.



O agricultor Ivan Pizola acredita que os produtores têm que ter consciência sobre a economia de água.

Conhecido como um dos rios **mais bem** cuidados da região, ele é fundamental para a boa produção agrícola de Alfredo Chaves. A cidade é uma das maiores produtoras de inhame, um tubérculo que precisa de muita água para que possa ser vendido em um tamanho ideal. Por ano, o município produz cerca de 50 toneladas que são **vendidas** para todo o país.

Para que a abundância do recurso hídrico não se extinga na região, um empresário da Grande Vitória comprou o terreno onde está uma das nascentes do rio. A intenção, segundo informações de vizinhos da propriedade, é evitar que o local sofra alguma ação prejudicial do homem. Seguindo o exemplo do empresário, os agricultores próximos ajudam a preservar.

O produtor de inhame Ivan Piazola, 34 anos, que mora bem próximo às nascentes do Benevente, reconhece que os recursos hídricos estão escassos. Apesar de ainda encontrar água em sua propriedade, a quantidade está reduzida. “A gente não produziria sem água. Ela é muito importante para o inhame, senão ele não cresce. Então, a gente tem que racionar, pois aqui temos água, mas não mais em grande abundância como era antes. Não podemos esbanjar”, revela o produtor.

FRASE: “A educação para o produtor é a melhor forma de ensinar sobre a economia de água. Dessa forma, todo mundo sai ganhando”, Ivan Piazola, produtor de inhame.

A preocupação com as águas do Benevente não fica apenas no campo. Ela é discutida com toda a sociedade. Segundo o vice-presidente do Comitê da Bacia do Benevente, João Medeiros, o rio é monitorado. “O rio tem políticas públicas desenvolvidas por meio do nosso comitê. Fazemos um trabalho de monitoramento e estamos com uma proposta de maior preservação das nascentes”, explicou.

Apesar de boa intenção das políticas públicas, o Rio Benevente tem pontos críticos ao longo de seu percurso. “O rio corta a nossa cidade toda, e, apesar de ter árvores em seu entorno, as espécies plantadas não são as ideais. Também há muitos pontos críticos”, explica o vice-presidente do Comitê.

Além de ser a fonte de abastecimento de água para os moradores do Alfredo Chaves, o rio também abastece parte de Guarapari e Anchieta – onde deságua - no Litoral Sul do Estado. E é fundamental para a sobrevivência de várias famílias.

Uma das nascentes do Rio Benevente fica dentro de uma propriedade privada no interior de Alfredo Chaves.



A morte do mangue de Anchieta

Após percorrer um longo caminho em terras alfredenses, o Rio Benevente termina seu curso no litoral de Anchieta. No município, ele é fonte de renda para pescadores e catadores de caranguejo. No entanto, devido ao assoreamento que sofre ao longo de sua caminhada, seu nível está cada vez mais baixo na região. Em algumas horas do dia, nenhum barco consegue navegá-lo.

Uma característica peculiar do município de Anchieta é o encontro das águas do rio Benevente com o mar. A mistura das águas propicia o desenvolvimento de mangues. A região tem um rico ecossistema, que está ameaçado pelo lançamento direto de esgoto no rio e o assoreamento. O resultado é a diminuição drástica de várias espécies de peixes e dos caranguejos, que já quase não são encontrados.

Junto com o sumiço dos caranguejos, os tradicionais catadores estão desaparecendo também. Dos 120 que existiam na cidade, hoje, apenas oito ainda sobrevivem da cata, o restante mudou de profissão. O senhor Luiz Fernando dos Santos Molulo, 54 anos, é um dos poucos que ainda vive da cata dos caranguejos.

Ele começou na profissão ainda criança, junto com o pai, quando residia na Grande Vitória. Há 23 anos, desde que se mudou para Anchieta, exerce a profissão. “Para catar o caranguejo tem que conhecer bem o mangue e saber onde colocar o braço. Tem gente que tira o bicho tapando o buraco, mas eu gosto mesmo é de enfiar a mão”, disse.

Apesar de apaixonado pela profissão, Luiz lamenta o sumiço dos crustáceos. “Realmente o número diminuiu. Antes quando eu saía para catar, voltava com 10 ou até 20 dúzias. Hoje, quando a gente trabalha o dia todo, conseguimos apenas cinco. Isso quando é possível”, contou o catador.

Luiz ainda ressalta que, se mais pessoas dependessem da cata no rio, não haveria condições de trabalho. “Antes eram dez catadores para uma área pequena. Hoje andamos uma área grande e não se consegue quase nada. Até para um catador apenas está difícil encontrar os caranguejos”, revela.

O secretário de Meio Ambiente de Anchieta, Marcelo Lopes Dalbom, explicou que há um estudo para tentar identificar a causa do desaparecimento dessa espécie. “Há pesquisa para saber até que ponto a sobrepesca pode ter influência e também a doença do caranguejo letárgico”, disse.

Para tentar aproximar a população do ambiente em que vive e, com isso, propagar o sentimento de preservação, o município tem capacitado pescadores e catadores para serem guias de passeios turísticos. Dentre as opções estão a subida de barco pelo rio Benevente ao longo do manguezal e visita às misteriosas Ruínas do Rio Salinas. Ninguém sabe ao certo como o que havia no local, mas é possível ver que foram construídas com conchas e óleo de baleia.

O catador Luiz Fernando é um dos poucos do município de Anchieta que ainda sobrevive do caranguejo.



Rio Benevente



Pesca prejudicada

Outras espécies também têm sumido do Rio Benevente, em Anchieta. O pescador André Silva dos Anjos, 34 anos, conta que este ano o dourado praticamente desapareceu das redes de pesca. “Desde o ano passado, o número de dourados que a gente consegue, em relação ao que era pescado, diminuiu em 70%”, conta.

O pescador não entende exatamente o que levou à diminuição, mas garante que é assustador. “A gente sabe que o assoreamento tem prejudicado nosso rio, mas é preocupante. Não sabemos o que pode acontecer daqui para a frente”, disse. No entanto, o combate ao assoreamento é um trabalho que, segundo o secretário de Meio Ambiente, precisa de uma ação conjunta dos municípios que compõem a bacia do rio.



O pescador André dos Anjos há anos percebe o desaparecimento de peixes.

O senhor das garças

Uma curiosidade para quem visita o balneário de Anchieta é a peixaria do senhor Antônio do Siri. Ele mostra que, apesar de todos os problemas que o homem ainda tem com a natureza, essa relação pode ser harmônica. Da sacada de sua peixaria, que tem como fundo o rio Benevente, ele alimenta e até mesmo conversa com as garças.

Ele conta que a relação com as aves começou há cerca de 15 anos. Todos os dias, dezenas delas ficam em frente à peixaria dele aguardando um peixe. “Aos poucos, a gente ganhou a confiança delas. Hoje a gente as tem aqui bem pertinho. Nunca nenhuma morreu aqui, quando chega a hora delas, elas voltam para o lugar onde nasceram e morrem lá”, contou.

O peixeiro acredita que ainda há esperança de um mundo onde os homens e a natureza vivam sem conflito e em harmonia. “A gente acredita que é possível, sim. É tão bom ter isso tudo perto da gente”, conta.



Itabapoana:

um rio esquecido

Sem políticas de preservação, o rio que abastece cidades de três estados, está à beira da morte

“O rio hoje representa morte. Ele, para mim, morreu”. Essas são as palavras do pescador Renan Máximo Sena, 44 anos, que chorou ao relatar que o rio que passa atrás de sua casa e de onde retirava o seu sustento não tem mais peixes. Renan é morador de uma comunidade de pescadores em Ponte do Itabapoana, no município de Mimoso do Sul. Ele, juntamente com outras 12 famílias, vive de uma indenização da hidrelétrica instalada no rio, a qual culpam pelo desaparecimento dos peixes.

Na comunidade de pescadores, os relatos são sempre os mesmos. Eles dizem que, desde a instalação da usina hidrelétrica, os peixes e até mesmo os animais que viviam ao longo do rio, sumiram. “Aqui tinha muita variedade. Pescávamos cerca de 26 espécies diferentes. Era de piaba a lagosta, que tinha um valor maior. Agora não tem nada”, conta Renan.

De acordo com outro pescador da comunidade, Ronaldo Valadão Nascimento, 37 anos, atualmente é impossível pescar até mesmo para consumo próprio no rio. “A gente, às vezes, tem que navegar mais de dois quilômetros para conseguir algum peixe”, disse. Ele ainda explicou que, na maior parte do dia, o volume de água do rio diminui e que fica impossível navegar. Desde a instalação da hidrelétrica, os moradores vivem de uma indenização de dois salários e meio por família.



Na altura de Ponte do Itabapoana, na comunidade de pescadores, o rio passa a maior parte do dia praticamente seco.

O pescador Ronaldo Valadão não consegue mais nem mesmo pescar para consumo próprio.



Morte de peixes

No final do ano passado, os moradores gravaram vídeos em que mostram vários peixes mortos nas proximidades da usina. A maioria é pequeno (alevinos), mas até mesmo dourados adultos foram encontrados. Nas filmagens, um dos pescadores grita: “Temos que gerar energia a qualquer preço? Não tem fiscalização. Não tem nada!”, diz.

O mesmo peccador que relata a morte do rio do qual tira o sustento aparece nas filmagens onde os peixes são encontrados mortos. De acordo com Renan Máximo, a mortandade dos peixes acontece com frequência. “A gente sempre corria para tentar socorrer os peixes, mas nem sempre era possível”, contou o pescador.

Para a hidrelétrica a realidade é outra

De acordo a assessoria de imprensa da empresa, estudos realizados por pesquisadores independentes apontam que,

desde 2009, ano de entrada em operação da Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Pedra do Garrafão, o volume de peixes na região da usina se mantém estável. Eles alegam que foi identificada uma mudança na distribuição dos cardumes ao longo do ano. A hidrelétrica disse que essa distribuição se tornou mais homogênea, sem registrar períodos de picos e de baixa ocorrência, como antes da operação do empreendimento.

E informaram, ainda, que essa mudança foi prevista no programa de monitoramento realizado pela PCH. Por fim, garante que a hidrelétrica de Pedra do Garrafão, em atendimento às exigências legais, vem realizando reuniões técnicas sobre o assunto com a comunidade, com a presença do Ibama.

O rio Itabapoana nasce no Parque Estadual do Caparaó e, juntamente com outras nascentes, que forma o Rio Itapemirim e o Rio Doce. Ao longo do Itabapoana, além da hidrelétrica de Garrafão, estão instaladas outras quatro. Isso acontece devido à boa queda do rio.



Pescadores tentam salvar os peixes que apareceram mortos no Rio Itabapoana.

O pescador Renan Máximo já não tem mais esperanças de ver o rio voltar a ser o que era antes.



Problemas que ultrapassam fronteiras

Uma característica do Rio Itabapoana é que seu curso divide os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais. Por causa disso, é considerado de responsabilidade da união. No entanto, para muitos, a sensação é de abandono.

A diminuição no número de peixes, e até mesmo o desaparecimento de outras espécies, são percebidas até onde o Itabapoana encontra o mar, na região de Barra de São Francisco (RJ). Lá, onde vivem mais de 200 pescadores, a reclamação é unânime. “Se a gente dependesse da pesca no rio, passaríamos fome” diz o pescador Fábio Alves Farias, 38 anos.

Uma vez que já não encontram peixes no Rio Itabapoana, os pescadores, sem opção, se arriscam em alto mar. “Os peccadores de rio não têm experiência em alto mar, e às vezes acabam morrendo enquanto navegam. Eles sabem que saem, mas não se voltam. E de doer uma situação como essa. O nosso rio acabou!”, lamentou Fábio.

De acordo com ele, algumas espécies de peixes que existiam em abundância no rio, já não são encontradas. Alguns exemplos são o Tucunaré, a Tilápia e o Jundiá. Na cidade

fluminense, outro problema é a falta de tratamento de esgoto. Todos os dejetos são lançados diretamente no rio, sem qualquer preocupação.

Nascentes protegidas garante vida do rio

As nascentes do Rio Itabapoana estão dentro do Parque Nacional do Caparaó, um lugar de mata nativa e que se mantém sem qualquer interferência humana. Do alto de suas montanhas, são encontrados diversos olhos d’água que, ao se unirem, dão forma a três importantes rios.

De acordo com o Chefe do Parque, o engenheiro florestal Anderson Nascimento, a preservação do local está ligada com o sentimento de posse que os moradores da região têm pelo parque e também a relação entre a educação ambiental e o turismo. “Entendemos a importância de falar da preservação para os visitantes, pois é um trabalho que a gente se esforça demais para fazer”, comentou.

O engenheiro explicou que as nascentes do Caparaó têm uma característica peculiar. Ao contrário de muitos lençóis de água, elas nascem no topo das cadeias de montanha do parque. “Essa característica afasta a nascente dos homens. Isso é muito importante para a saúde do parque, pois, sem a nascente, fatalmente muitos rios não teriam mais água”, contou.



A nascente de todos os afluentes que formam o Itabapoana nascem no Caparaó.

Produção de Cogumelo na beira do Rio

O produtor de cogumelos Rogério Ferreira Coutinho, 56 anos, largou a vida agitada que levava na cidade grande e foi morar, com a esposa e o cachorro, na localidade de Vale da Luz, próximo a Patrimônio da Penha, na cidade de Divino de São Lourenço. Sua propriedade fica bem perto do Parque Nacional do Caparaó. Dentro dela, passa um dos afluentes do Rio Itabapoana.

O produtor encontrou uma forma de utilizar o rio sem causar qualquer dano a ele. Há algum tempo, ele produz dois tipos de cogumelo, o Shitake e o Shimeji. Como a cultura necessita de um lugar úmido para se desenvolver, ele planta na margem do rio sem que isso prejudique a ninguém.

“A produção de cogumelos exige uma quantidade constante de água na madeira, onde são colocados os micélios. Quando a gente os coloca na beira do rio, isso (deixa o ambiente úmido) se torna desnecessário, pois já encontramos o ambiente ideal”, explicou o produtor de cogumelos.

Apesar de ter sido esquecido, o Rio Itabapoana ainda grita por socorro, seja pelo desaparecimento de seus peixes, seja pelo descaso com que é tratado pelas pessoas que dependem dele para sobreviver. “Há falta de mobilização. As pessoas estão muito preocupadas com elas mesmas e esquecem o nosso. Precisamos de mais pessoas que abracem essa causa”, disse a educadora ambiental e Diretora do Consórcio do Caparaó, Dalva Ringuier.

Os micélios são introduzidos na madeira. Para se desenvolverem, precisam de local úmido.



As mudanças do Rio Itapemirim

Apesar de ser um dos rios mais degradados do Sul do Estado, mudanças significativas já são percebidas

Após anos de trabalho de recuperação de matas ciliares e também tratamento de esgoto, o Rio Itapemirim começa a apresentar sinais de melhora. Apesar da lenta recuperação, hoje ele já não enfrenta tantos problemas como no passado. No entanto, muitos ainda precisam ser resolvidos. Talvez o maior deles seja a consciência de preservação de cada pessoa.

Uma vez por semana, o aposentado Alexandre Sapavini, 39, juntamente com a esposa, lava todas as roupas sujas da casa. Para facilitar o cotidiano do casal, eles compraram uma máquina de lavar. Foi a partir daí que levaram um susto com o aumento na conta de água. Depois disso, o aposentado resolveu mudar a postura e reaproveitar a água “jogada fora” pelo eletrodoméstico durante as etapas de lavagem.

“Eu vi que era uma água limpa que ia para o ralo. Pensei: isso não pode ficar assim! Comecei, então, a separar a água em baldes”, explicou Alexandre. Fazendo as contas, ele descobriu que, em cada ciclo completo de lavagem, eram perdidos 72 litros de água. “Agora, com essa água, eu lavo as escadas, a varanda e os vidros, pois aqui em casa dá muita poeira”, contou.

Ao perceber que a mudança de atitude refletiu no valor da conta de água, que abaixou, outros hábitos também foram adotados. “Minha esposa ensina a minha filha a fechar a torneira enquanto lava a louça e também na hora de escovar os dentes”, disse. A conta, que antes chegava a R\$ 85, caiu para R\$ 55.

Para a educadora ambiental e diretora do Consórcio do Caparaó, Dalva Ringuier, a educação tem que chegar à comunidade. “Não é somente na escola. Ela tem que estar no cotidiano das pessoas, para que elas preservem e sintam que fazem parte daquilo que defendem”, explicou.

Atualmente, segundo Dalva, dos 18 municípios que fazem parte da Bacia do Rio Itapemirim, 15 contam com sistema de tratamento de esgoto. “Os municípios restantes têm até 2015 para darem uma destinação adequada. Em 10 anos, veremos melhoras significativas em nossos rios”, disse Dalva.

Devido à preservação do Parque Nacional do Caparaó, as águas do Rio Itapemirim nascem límpidas na região.



Sem risco de faltar água

A redução dos números não foi somente na conta do aposentado. A Odebrech Ambiental, concessionária responsável pelo abastecimento de água e tratamento do esgoto de Cachoeiro de Itapemirim, percebeu mudança no comportamento de parte da população da cidade.

O consumo diário de água dos cachoeirenses era de 190 litros. Atualmente é de 140 litros. Um número menor até mesmo que a média nacional, que é de 160 litros de água por dia. Para que a água na cidade não falte, a concessionária monitora cada reservatório por meio de uma rede computadorizada.

“Hoje, Cachoeiro não corre risco de ter problema com falta de água. Aumentamos em 40% a reserva e fazemos a captação de 1% a 1,5 % da vazão do Rio Itapemirim”, explicou o gerente operacional da Odebrech Ambiental, Bruno Ravaglia.

Degradação ainda é problema

Mesmo com a melhora na qualidade da água, o rio Itapemirim é o mais degradado dos três que cortam a região Sul do Espírito Santo. “Ele está todo assoreado, o que faz com o rio jogue água para fora. Além disso, há muitas atividades industriais ao longo de seu curso. Porém, isso é um problema histórico, pois, nos anos 60, o Governo incentivava o desmatamento de áreas virgens para a criação de pastagem”, explicou Guilherme Gomes, chefe do escritório do Ibama.

Ele disse, ainda, que um dos maiores problemas de degradação do rio é a extração irregular de argila. “Nós fazemos fiscalizações periódicas a fim de impedir mais danos, mas é importante que haja consciência da população em denunciar se vir alguém degradando”, disse Guilherme.

Eles querem preservar

Em uma época em que a palavra preservação não era comum, o avô do empresário Luiz Nascimento já sabia da importância desse ato. Quando adquiriu a Fazenda Cafundó, localizada no interior de Cachoeiro de Itapemirim, em 1970 - uma das mais antigas do Estado - queria que seus netos conhecessem a natureza em sua forma pura.

Hoje, a propriedade com 1.200 hectares tem mais da metade de sua área composta por Mata Atlântica nativa. De acordo com o empresário, 52% da área permanece intacta. Além disso, a Fazenda Cafundó foi a primeira reserva particular de preservação permanente no estado. “Aqui, existem espécies ameaçadas de extinção e todos os anos uma equipe de norte-americanos vem fazer pesquisas, principalmente com as aves”, contou Luiz.

A ideia de preservar foi passada de pai para filhos. “Papai, na época dele, já proibia a pesca e a caça aqui na nossa área. Infelizmente, hoje não conseguimos mais esse controle, pois as pessoas não têm respeito pela propriedade alheia”, explicou Luiz. Parte do Rio Itapemirim passa dentro da Fazenda. Desde 2007, foi refeita a mata ciliar com um projeto do Governo do Estado.

Às vezes, para preservar, é preciso estudar os impactos causados pela ação do homem na natureza. É com esse intuito que o biólogo Altair Ringuier realiza um trabalho que indica a qualidade do rio por meio dos peixes. Além de catalogar as espécies que são encontradas na área urbana do Rio Itapemirim, envia algumas amostras para análise no Campus do Instituto Federal do Espírito Santo de Alegre.

“A gente nota que, depois que a concessionária de água do município passou a fazer o tratamento do esgoto, mudou até mesmo o cheiro que a água tinha. Conseguimos captar mais peixes diferentes na região central da cidade”, explicou Altair. Ele contou, ainda, que um dos problemas do rio foi a introdução de espécies exóticas que competem com as nativas que já viviam ali.

Para o biólogo, mesmo com a mudança nos hábitos de muitas pessoas, ainda falta consciência ambiental. “As pessoas que moram às margens ainda jogam lixo dentro do rio e não entendem que o custo de limpar sai do bolso delas. Acredito que seja mesmo uma questão de consciência”, diz.

A pesquisa não tem data para acabar, pois é necessário saber constantemente como anda a saúde do rio. Isso é feito monitorando a saúde que os peixes apresentam. A coleta dos peixes é realizada uma vez por mês, em diferentes pontos do Rio Itapemirim.



O empresário Luiz Nascimento aprendeu com o avô a importância da preservação das matas para os rios.



Floresta Cafundó



O biólogo Altair Ringuier realiza pesquisas no Rio Itapemirim para saber a qualidade da água.

